

Representações sociais da Síndrome de Down

*Rita C. P. Lima**; *Victor E. F. Ferraz**; *Hernane F. Oliveira*¹
*Alexandre M. Fazzito*² *Livia M. Lelis*³ e *Tiago Domingues*⁴

Resumo

O projeto é desenvolvido por uma educadora e um geneticista (docentes) e conta com a participação de quatro alunos de graduação em medicina. O objetivo é relacionar o conhecimento sobre síndrome de Down (SD) produzido pela genética com o saber do senso comum observado nos discursos dos funcionários da instituição. A teoria moscoviciiana das

Abstract

This project is being developed by an educator and a geneticist (professors) and counts on the participation of four undergraduate students of the School of Medicine. The goal is to relate the knowledge on Down's syndrome produced by genetics with the common sense knowledge observed in the speeches of the employees of a special education institution. The research is supported

* Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP.

¹ Bolsista de Iniciação Científica - FAPESP; Aluno de Graduação em Medicina da UNAERP.

² Aluno de Graduação em Medicina da UNAERP.

³ Aluna de Graduação em Medicina da UNAERP.

⁴ Aluno de Graduação em Medicina

representações sociais fundamenta a pesquisa. O referencial metodológico é a análise de conteúdo de discurso (BARDIN, 1977). Foram realizadas 20 entrevistas semi-diretivas com os funcionários do Centro de Educação Especial e Ensino Fundamental (CEEEF) Egydio Pedreschi e analisada a frequência de quatro temas-chave: “portador de SD”, “conhecimentos médicos sobre SD”, “o CEEEF Egydio Pedreschi” e “práticas profissionais”. Os temas articulam-se em uma rede complexa e dinâmica de representações sociais em torno de uma concepção de desvio-normalidade, saúde-doença e inclusão-exclusão.

ted by the Moscovician social representations theory. The methodological reference is the analysis of speech content (BARDIN, 1977). The authors carried out 20 half-directive interviews with employees of the Centro de Educação Especial e Ensino Fundamental (CEEEF) Egydio Pedreschi and analysed the frequency of four key themes: “person afflicted with the Down’s Syndrome”, “medical knowledge on Down’s Syndrome”, “the CEEEF Egydio Pedreschi”, and “professional practices”. The themes are articulated in a complex and dynamic network of social representations related to a conception of deviation-normality, health-illness, and inclusion-exclusion.

Palavras-chave: síndrome de Down; representações sociais; genética.

Keywords: Down’s syndrome; social representations; genetics.

Síndrome de Down e representações sociais: entre o universo reificado e o universo consensual

Este trabalho é consequência das atividades de um grupo constituído por um médico geneticista, uma educadora e quatro alunos de graduação em medicina, interessados em aprofundar idéias do senso comum sobre a síndrome de Down junto a uma instituição de ensino especial, o Centro de Educação Especial e Ensino Fundamental (CEEEF) Egydio Pedreschi.

A teoria das representações sociais foi estabelecida como eixo central do trabalho, inspirado principalmente na pesquisa de Moscovici que deu origem a esse campo de estudos: *A representação social da psicanálise* (1978). Moscovici enfatiza o deslocamento de sentido entre os modelos científicos (universo reificado) e os não-científicos (universo

consensual). Para o autor, nesse deslocamento as representações sociais aparecem como “saber ingênuo” ou “saber do senso comum”, em relação dialética com o saber produzido pela ciência. O autor se refere à “formação de um outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” (MOSCOVICI, 1978, p.24).

Para abordar mais diretamente as representações sociais sobre a síndrome de Down, tornou-se necessário a busca de referências no campo da saúde-doença. Nesse sentido, as reflexões de Herzlich (1986) foram fundamentais. A autora analisa o papel das representações sociais da saúde e da doença no campo médico, privilegiando a dimensão social. Para ela, essas representações estão enraizadas na realidade social e histórica, relacionando o indivíduo à ordem social. Nesse sentido, a explicação biológica pode transcrever visões de mundo mais amplas. Através das representações da doença podemos ter acesso às crenças, às interpretações e ao conjunto de relações sociais de uma sociedade. Elas podem ultrapassar o biológico e atingir os preconceitos, a segregação, o estigma e a inserção social.

Minayo (1996, p. 194) aponta alguns aspectos na mesma direção, mencionando a importância das representações sociais de saúde/doença no campo das Ciências Sociais. De acordo com a autora “na construção histórica da saúde e da doença tanto são atores e autores, os intelectuais e técnicos do setor como a população”.

A síndrome de Down é a causa mais prevalente de deficiência mental genética, cursando com anomalias múltiplas, faces características e deficiência mental, estando associada a trissomia do cromossomo 21 humano. A sobrevida, diminuída principalmente às custas de cardiopatias congênitas, vem aumentando consideravelmente com o avanço da medicina nas últimas décadas. Indivíduos portadores desta condição são dos mais freqüentemente encontrados em instituições para deficientes e tem uma atenção especial da mídia, principalmente quando se quer abordar os efeitos benéficos da atenção especial à deficiência. Esses fatos garantem quase que um conhecimento universal sobre esta condição, ainda que bastante heterogêneo.

Neste trabalho parte-se do pressuposto de que as idéias, valores, crenças e reações dos profissionais não são unicamente determinados

pela natureza biológica do portador da Síndrome de Down, mas também pelos aspectos culturais, sócio-econômicos e psicossociais dos profissionais que o atendem.⁵ As concepções sobre a anomalia genética, muitas vezes estigmatizantes,⁶ não residem apenas nas características dos portadores de Down e na deficiência em si, mas na forma como é interpretada e na maneira como as pessoas reagem a ela. De acordo com Sigaud (1997), em geral os indivíduos com Síndrome de Down compõem um grupo qualificado de maneira negativa pelos demais. Suas características físicas, intelectuais e sociais acabam constituindo-se num estigma. As representações sociais da Síndrome de Down, portanto, seriam construídas a partir da interpretação e da reação dos indivíduos em relação à afecção genética, dentro de um contexto sócio-cultural. Essa reconstrução do conhecimento, algumas vezes, pode acabar por influenciar condutas em relação ao objeto da representação (no caso o portador da anomalia genética).

Fundamentado nas considerações apresentadas, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a relação entre os conhecimentos produzidos pela ciência e o saber do senso comum sobre a Síndrome de Down observado na fala dos funcionários do CEEEF Egydio Pedreschi.

Metodologia

Entre maio e julho de 2000 foram realizadas 20 entrevistas com funcionários do CEEEF Egydio Pedreschi (sete funcionários da área administrativa, nove monitores e quatro professores) abordando-se quatro temas-chave: “portador de síndrome de Down”, “conhecimentos médicos sobre a Síndrome de Down”, “CEEEF Egydio Pedreschi” e “práticas profissionais”.

⁵ Este artigo aborda a análise dos quatro temas-chave observados no conjunto dos discursos dos funcionários do CEEEF Egydio Pedreschi. O trabalho completo, ainda em andamento, deverá incluir a análise individual das entrevistas levando à construção de perfis com modelos ideológicos distintos, os quais serão contrastados com dados sócio-profissionais dos funcionários.

⁶ Toma-se aqui a definição de “estigma” de Goffman (1975): atributo que lança um descrédito profundo dentro de um quadro específico de relações sociais. A “estigmatização” é construída através de um processo de interação em que um atributo negativo (“estigma”) é designado a um indivíduo pelos outros. O “estigmatizado” é alguém que foi submetido a uma definição social em função de seu “estigma” e que conseqüentemente torna-se “diferente” dos demais.

Com base na metodologia de análise de conteúdo, proposta por Bardin (1986), foram encontrados alguns indicadores que permitiram demonstrar conteúdos latentes e inferir sobre outra realidade além da manifestada na superfície dos discursos.

Resultados e comentários

A análise de conteúdo temático encontra-se nas tabelas 1 a 4. Os quatro temas-chave (“portador de síndrome de Down”, “CEEEF Egydio Pedreschi”, “prática profissional”, “conhecimentos médicos”) serão discutidos conjuntamente porque se articulam entre si. Em todas as tabelas observam-se representações estruturadas em torno de uma imagem ou concepção de desvio. De acordo com Faugeron (1976), o desviante é essencialmente percebido e representado como “diferente” do resto do grupo social. No âmbito desse trabalho, a “diferença” é considerada o núcleo central das representações sociais explicitadas.

De uma maneira mais específica, essa “diferença” pode ser apreendida através da interpenetração entre três pares bipolares: “saúde-doença”, “normal-desvio”, “inclusão-exclusão”, os quais fundamentam as imagens construídas em torno da síndrome de Down. Com este ponto de partida, a análise dos resultados apresentada a seguir situa-se em dois eixos, com base nas idéias de Moscovici (1978). Por um lado, serão comentadas as três dimensões de uma representação social: atitude, informação e campo de representação. Por outro lado, serão apontados alguns aspectos dos processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem.

Considerando-se a “atitude” como um conjunto de disposições cognitivas e afetivas dos sujeitos em relação a determinados objetos, três posicionamentos podem ser ressaltados nos discursos analisados, no que diz respeito a temas distintos: diferença, contato e inclusão. A referência à “diferença” aparece de duas maneiras: no sentido de aceitá-la e compreendê-la como tal e no sentido de conferir a ela um juízo de valor negativo, revelando concepções estigmatizantes. Percebe-se que a relação “diferença” – “inclusão na sociedade”, expressa de maneira positiva ou negativa, perpassa todos os discursos dos funcionários.

Quanto ao relacionamento, os relatos de facilidade de contato com o portador de Síndrome de Down são predominantes. Observa-se que

várias ocorrências referem-se à mudança de postura, da rejeição à aceitação, a partir da admissão do profissional no emprego. Percebe-se que os preconceitos diminuem na medida em que a frequência do contato aumenta. A proposta de inclusão dos alunos na rede regular de ensino e no mercado de trabalho vem sendo abordada e discutida na instituição. Sob esse aspecto, a maioria dos discursos se refere ao processo de forma negativa, diretamente, ou criticando-o ao mencionar o despreparo da escola regular, da família, da comunidade e do aluno.

Quanto ao prognóstico, o sucesso aparece predominantemente associado às condições individuais e ao papel da família. Aspectos relacionados à instituição, às práticas profissionais e à comunidade são pouco mencionados. Há referências ao empenho e ônus das famílias, com valorização de seu papel e encargos quanto ao futuro do portador da Síndrome de Down. No geral, predomina o prognóstico desfavorável e a tendência de segregação em instituições especializadas.

No que se refere à “informação” (fontes de conhecimento, organização dos conhecimentos a respeito da Síndrome de Down), a maior parte dos entrevistados inicia as atividades profissionais no CEEEF Egidio Pedreschi sem preparação específica para atuar nas áreas de atendimento a portadores de necessidades especiais. Conhecimentos mais específicos são escassos. Por exemplo, em relação à prevenção, há referências a métodos que previnem outras doenças genéticas, como o teste do pezinho, um teste de triagem neonatal, obrigatório no Brasil, utilizado para determinação de acometidos por fenilcetonúria e o hipotireoidismo congênito. Nota-se a penetração da visão científica na causalidade da Síndrome de Down na maior parte dos discursos. Porém, os conhecimentos sobre a biologia, a genética e aspectos médicos da Síndrome de Down são pouco consistentes, havendo uma predominância de idéias do senso comum, na maior parte das vezes estigmatizantes, em relação ao portador ou seus pais.

O campo de representação diz respeito à organização e hierarquização dos elementos que constituem a representação. Ele remete à idéia de imagem sobre o objeto de representação (MOSCOVICI, 1978), organizando-se a partir do núcleo central. Este último estrutura a representação social através de duas funções essenciais: a função geradora (elemento pelo qual se cria ou se transforma a significação dos outros elementos constitutivos da representação) e a função organizadora (dimensão unificadora e estabilizadora da representação, determinando a

natureza dos laços que unem entre si seus diversos elementos). O núcleo central, considerado a noção de “diferença”, nesta pesquisa, organiza-se através do processo de objetivação, que transforma elementos conceituais em figuras ou imagens.

No âmbito desse trabalho, o binômio normal-desvio, que cristaliza uma das imagens construídas em torno da Síndrome de Down, pode ser exemplificado através de discursos referentes às ações e objetivos da instituição analisada. O foco profissionalizante explica o aparecimento de temas relacionados ao controle do comportamento, com conteúdo disciplinar, de acordo com as normas sociais, visando atingir a colocação em emprego. Percebe-se a idéia do desenvolvimento pessoal contrapondo-se ao da intervenção técnica, o primeiro centrado no aluno, considerado sujeito, com suas possibilidades e dificuldades, e o último, no professor que dita as normas, que é o agente da modificação e não o parceiro que contribui com o desenvolvimento do aluno. Este exemplo também está articulado ao binômio inclusão-exclusão.

No que diz respeito às imagens relacionadas ao binômio saúde-doença, embora as idéias científicas tenham predominância nos discursos, ainda é possível encontrar concepções mágicas ou teológicas para explicar as causas da deficiência. Observa-se também uma visão sobrenatural e mística em relação ao portador de Síndrome de Down. Em alguns discursos lhe são atribuídas capacidades que outros não tem, como sensibilidade e percepção aguçada. Tais colocações sugerem uma certa compensação da deficiência mental pela docilidade e condição infantil. O portador da Síndrome de Down é frequentemente representado como criança, mesmo tendo idade adulta.

É importante mencionar que o processo de objetivação acontece conjuntamente com o processo de ancoragem. Este consiste na integração da informação dentro do pensamento constituído e na utilização de categorias já conhecidas para interpretar e dar sentido aos novos objetos que aparecem no campo social, orientando comportamentos e condutas (MOSCOVICI, 1978). Nesta pesquisa, percebe-se que o binômio “saúde-doença” corresponde a uma interpretação biomédica da Síndrome de Down, o binômio “normal-desvio” a uma concepção de norma social e o binômio “inclusão-exclusão” a maneiras de perceber a socialização do indivíduo. Por exemplo, às vezes os profissionais expressam uma imagem da instituição como “escola especial”, fundamentada na articulação

entre os binômios “inclusão-exclusão” e “normal-desvio”. Esta construção apóia-se em percepções de antigas instituições de caráter filantrópico e paternalista, na maioria das vezes segregacionistas.

A ancoragem consiste, portanto, na inserção da imagem no universo simbólico e significativo das pessoas. Trata-se de uma modalidade de pensamento caracterizada pela memória. A predominância de posições estabelecidas opera mecanismos gerais como classificação, categorização, rotulação, denominação e procedimentos de explicação que obedecem a uma lógica específica (JODELET, 1996). Alguns desses aspectos podem se encontrados nos discursos dos entrevistados. Por exemplo, a classificação-rotulação é claramente percebida quando há menção, várias vezes evocada, aos traços físicos “comuns” aos portadores de Síndrome de Down. Embora a maioria dos sinais físicos não prejudiquem o desenvolvimento e a saúde, essa característica possui um forte caráter identificador e estigmatizante.

Outra explicação para a ocorrência da Síndrome de Down diz respeito aos pais. Eles aparecem como “causadores” da doença. Encontram-se referências desde a idade materna avançada – um predisponente real – até várias concepções errôneas e estigmatizantes relacionadas ao casal, como incompatibilidade sanguínea, casamento consanguíneo e o fato de não terem feito prevenção.

Na mesma direção, pode ser citado o abortamento. Considerado aqui como prevenção secundária da síndrome de Down (na medida em que previne o nascimento) ele é citado apenas uma vez como método de prevenção. Isto provavelmente deve-se à conjunção do fator religioso, forte na população estudada, e ao fato da ilegalidade da prática no Brasil. Os avanços da ciência fazem parte do ideário presente na amostra, e são vistos como possíveis fontes de prevenção de doenças genéticas. Interessante notar que por duas vezes é explicitado que seria desejável evitar o nascimento de crianças portadoras deste tipo de condição. Estas afirmações de forte caráter eugenista, ainda presentes na população em geral, são também representadas na instituição estudada. Opta-se pelo extermínio da condição em contraposição à aceitação da diferença.

Alguns mecanismos de denominação também são observados. Por exemplo, nota-se a manutenção de termos pouco apropriados, muitas vezes estigmatizantes, como “mongolismo”. O termo, cunhado por Langdon Down em 1866, remetia à pressuposição de que o portador da síndrome “retrocedia” a características de “raças inferiores”, no caso a asiática.

Em resumo, os conhecimentos médicos, apesar de disseminados largamente nos discursos, muitas vezes não são adequadamente construídos, contribuindo com a permanência do estigma e conseqüentemente acarretando prejuízos aos alunos portadores de Síndrome de Down e suas famílias. O conjunto da análise realizada mostra que o portador da Síndrome de Down pode ser considerado “saudável-normal-incluído”, ou não, dependendo de crenças, normas, valores, atitudes, opiniões, imagens, ou seja, das representações sociais.

Conclusão

Os dados obtidos permitiram conhecer algumas representações dos funcionários e as diferentes significações que eles atribuem à condição biológica, psicológica e social do portador da Síndrome de Down. Aspectos fundamentais foram abordados nesse contexto, como exclusão/inclusão, assistencialismo, educação, estigmatização, causas e prevenção, entre outros. Percebe-se que posturas diversas e divergentes coexistem e orientam representações e práticas.

Embora recorrente e aparentemente óbvio, duas observações puderam ser feitas nessa fase da análise. Por um lado, na medida em que os profissionais convivem e adquirem maiores informações sobre a condição especial do portador de Síndrome de Down, maior é a tendência em aceitá-los. Por outro lado, há necessidade de formação, no sentido de um maior preparo para lidar com a “diferença”.

Do ponto de vista da teoria das representações sociais, é importante salientar que as imagens construídas sobre a Síndrome de Down, partindo de uma concepção de “diferença” (núcleo central), situam-se em torno de três eixos (saúde-doença, normal-desvio, inclusão-exclusão) constituindo o processo de objetivação. Por outro lado, o enraizamento social da representação (processo de ancoragem) pode estar relacionado à influência da medicina quanto à explicação do biológico, ao histórico da deficiência mental que esboça um modelo de normalidade e à socialização (sucesso/fracasso escolar-profissional), que remete às teorias educacionais. Tais aspectos serão aprofundados na segunda fase da análise de dados desta pesquisa, não exposta neste texto.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. Paris: P.U.F., 1986 (1977).
- FAUGERON, C. et. al. *De la déviance et du contrôle social*. Paris: Copedith, 1976.
- GOFFMAN, E. *Stigmate*. Paris: Minuit, 1975 (1963).
- HERZLICH, C. Représentations sociales de la santé et de la maladie et leur dynamique dans le champ social. In: DOISE, W., PALMONARI, A. *L'étude des représentations sociales*. Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé, 1986, p. 157-170.
- JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. (Org.). *Psychologie Sociale*. Paris: P.U.F., 1996 (1984).
- JODELET, D. *Les Représentations Sociales*. Paris: P.U.F., 1993 (1989).
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996 (1992).
- MOSCOVICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 (1961).
- MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales. In: JODELET, D. *Les représentations sociales*. Paris: P.U.F., 1993 (1989), p. 62-86.
- SIGAUD, C.H.S. *Representação social da mãe acerca da criança com Síndrome de Down*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), 1997. ? f. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TUNES, E., SOUZA, J. A., RANGEL, R. B. Identificando concepções relacionadas à prática com deficiente mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.2, n.4, p.7-18, 1996.

Tabela 1 - Análise Temática: Síndrome de Down (N=ocorrências)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	EXEMPLOS	N
Referência à Diferença	com estigma	"...e eles infelizmente têm que ser aceitos, assim como pobre, como negro, como prostituta..."	15
	Estigma social	"...não vão aceitar eles no todo lá [na sociedade] (...) eu acho que eles vão continuar sendo excluídos mesmo..."	6
	graus diferentes	"...tem uns que são mais comprometidos, tem outros que são menos..."	10
	negação	"Pra mim eles não são deficientes, eles são normais (...) não vejo eles com deficiência..."	8
	problema genético	"...primeira coisa que me vem na cabeça é uma falha genética"	8
	sem estigma	"...uma criança com algumas limitações, mas não totalmente limitada e que tem uma potencialidade muito grande e que se desenvolve também..."	10
Comportamento	desfavorável	"...o Down é mais preguiçoso, né?"	8
	favorável	"Sempre eles são muito carinhosos, né..."	13
	diferenças individuais	"... cada deficiente tem a sua peculiaridade. Tem os que são mais dóceis, uns que são agressivos."	13
Relacionamento	dificuldade	"Eu tenho dificuldade pra lidar com Down."	3
	facilidade	"Eu me relaciono muito bem com eles e eles comigo (...) eu entendo eles, eu entendo muito eles."	11
Desempenho cognitivo	desfavorável	"...num sabe nem ler, num sabe nem escrever porque a parte intelectual deles é comprometida. É aquela parte do cérebro que não elabora. Aquela viscosidade (...) Num tem como! Por mais técnica que você tenha de alfabetização, de técnica pedagógica, num elabora."	5
	favorável	"...muito inteligentes. O que você dá pra um 'síndrome de Down' muitas vezes eles pegam mais rápido do que uma pessoa comum. Eles são espertos..."	8
	diferenças individuais	"...acho que o grau de inteligência também supera um ou outro."	1
Prognóstico	depende da comunidade	"[sobre o futuro] ...tanto aqui no Egipto, como no Brasil em geral, é, eu acho meio complicado porque ainda o povo brasileiro em si não tem consciência do que eles têm capacidade de fazer."	2
	desfavorável	" Estão ajudando a fazer tapetes, ajudando na dança, ajudando na música. Eles não são oficiais, mas sempre ajudantes...e bons ajudantes."	1
	no Egipto	"Eu acho que aqui é o lugar deles (...) pra eles é muito difícil se misturar com outras crianças (...) vão notar que são muito diferentes..."	8
	depende de estimulação	"Você trabalha o Down assim que nasce você consegue muito progresso dele."	7
	favorável	"...eles têm futuro sim, lógico que têm, pela inteligência que eles têm, eu acredito que tem futuro."	4
	depende do profissional	"isso vai depender de, do profissional, nas mãos de quem essas crianças cair..."	4
	depende do aluno	"...conforme o comprometimento dele, ele não vai dar o rendimento de outros. Então aí que eu falo: existe n e n Down."	13
	depende da família	"Eu acho que a família é muito importante para o desenvolvimento da criança. Como a escola tem o recurso, então a família tem que aproveitar esse recurso e o profissional passar isso pra criança, para que ela possa ter o recurso de si mesmo, né?"	10
Visão Sobrenatural		"A impressão que dá é que eles são meio sensíveis, né? Eles vão lá na tua essência, né, pega coisa tua assim que não devia pegar..."	3
Referência a Traços Físicos		" Todos eles levam mais ou menos o mesmo formato, o mesmo jeitinho, com alguma diferença pequena."	16
Referência à Família		"...os pais lutam né, levam essas crianças a 'n' lugares, entendeu?"	8
Comparação com Outras Deficiências		"...das deficiências, a síndrome de Down, é a melhor para ser trabalhada."	8
Mudança de Postura		"...antes de trabalhar aqui eu não conhecia. Agora eu trato com normalidade..."	6
Indivíduo com Necessidades Especiais		"Uma criança deficiente, uma criança que precisa de muita ajuda."	5
		TOTAL	214

Tabela 2 - Análise Temática: O CEEEF Egydio Pedreschi (N=ocorrências)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	EXEMPLOS	N	
Inclusão	Favorável	"Eu acho boa a inclusão, né, desde que ela seja bem feita, que trabalha tanto a parte pra receber como a parte que vai sair."	4	
	Desfavorável	"Péssimo. Porque muitas crianças que foram pra lá não se adaptou. Ficaram jogadas no canto da sala de aula e eu não aprovo porque eu acho que toda criança merece atenção."	10	
	Despreparo da escola	"...colocou diretamente nas escolas, mas ninguém preparado, ninguém com respaldo nenhum, então eu acho que foi muito frustrante..."	19	
	Despreparo da família	"Vamos ter que trabalhar as famílias..."	2	
	Despreparo da comunidade	"...o povo ainda não tá preparado; a população, a sociedade não tá preparada pra isso."	5	
	Despreparo do aluno	"...eles não vão acompanhar o nível da classe. Na sala de aula eles não vão acompanhar os outros."	8	
	Dificuldade de inserção no mercado de trabalho	"...mas que tem uma dificuldade em colocar no mercado de trabalho tem."	3	
	Atividades e Objetivos da Escola	Escolarização	"...primeiro a alfabetização, né, e tentar levar o aluno, né, isso dentro da escola diária..."	1
Profissionalização		"...aprender uma profissão e ter oportunidade de algum trabalho através das oficinas..."	6	
Apoio às famílias		"Em primeiro lugar ela [família] traz aqui porque ela fica sem saber aonde levar."	1	
Inserção no mercado de trabalho		"Que eles possam ingressar numa empresa, numa...em alguma coisa de alimentação, que eles possam trabalhar, fazer atividades dentro do limite que eles estão."	5	
Favorecer independência		"A finalidade? Em termos, ah...mesmo em termos de oficinas, é procurar deixá-los assim, torná-los mais independentes..."	6	
Formação do indivíduo		"Formar isso daí é uma questão de cidadania, dar oportunidade para as crianças, né? E a formação da criança em si e do adolescente também, que tem muito."	3	
Preparar para a sociedade		"...a finalidade eu acho que é de educar, de integrar esses alunos à sociedade, de preparar para sair daqui e ter outros caminhos melhores."	5	
Percepção Geral sobre a Escola		Escola especial	"...o Egydio tem por obrigação trabalhar com todos os portadores de deficiência, desde a estimulação precoce até a oficina..."	5
	Visão filantrópica	"...a primeira finalidade desta escola aqui, eu acho que é amparar as pessoas com deficiência."	8	
	Segregação	"...acho que eles vão continuar assim, guardadinhos aí. De vez em quando aparece um numa olimpíada assim, que eles costumam fazer sabe, aqueles, esses eventos, mas salvo isso..."	6	
	Ingresso do Profissional	Concurso Geral	"...eu fiz um concurso na prefeitura (...) fui na secretaria de educação e eles me mandaram pra cá..."	7
Concurso Específico		"...eu prestei um concurso aqui e passei (...) Eu trabalhava com educação física especial..."	6	
Transferência de outra escola		"...a nutricionista sugeriu, me chamou na sala, e falou que eu tinha que vir pra cá."	1	
				TOTAL

Tabela 3 - Análise Temática: Prática Profissional (N=ocorrências)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	EXEMPLOS	N	
Formação	Cursos de extensão	"...comecei a fazer cursos na área de educação especial..."	2	
	Cursos de especialização	"...eu fiz faculdade, me especializei em deficiência mental..."	9	
	Pós Graduação	"Fiz um mestrado em educação física adaptada."	2	
	Sem formação na área	"...pra área de educação especial eu não fiz nada."	13	
	Necessidade de formação	"Você tem que ter todo um jeito especial. Aliás, na educação especial você tem que saber lidar com a situação. (...) Você tem que saber como fazer uma abordagem. Já pra isso você se habilitou."	1	
Atividades	Descrição das atividades	"...eu trabalho na prática, né. A gente trabalha, eu trabalho, na oficina de tecelagem, né, são teares, né, onde são confeccionados tapetes, bolsas..."	23	
	Colocação no mercado de trabalho	"...ainda a gente procura trabalhar mais a educação profissional"	3	
	Orientação à família	"...conforme a gente precisa que os pais estejam aqui por algum motivo ou outro, a gente chama, solicita e atende, ou alguma necessidade deles, eles procuram a gente também."	3	
	Treinamento para o trabalho	"...é ficar monitorando os meninos no sentido deles não errarem medidas...não errarem o corte do material..."	1	
	Alfabetização	"Além de alfabetizá-los pelo alfabeto digital"	1	
	Tarefas necessárias à instituição	"...é pau pra toda obra. Se precisar ficar com aluno a gente fica, né, conhece um pouquinho, cuida deles, né... assume algumas funções assim... que precisa."	3	
	Relação com o trabalho	Satisfação com o trabalho	"Eu gosto. Porque eu gosto e tô dentro da minha área, então eu pude unir os dois."	7
		Dificuldades no trabalho	"... chorei muito de início, chorava o dia todo, todo dia chorava; vinha do serviço, eu chorava, eu via uma deformidade, eu chorava, sabe... não aceitava bem... muito difícil, bem difícil"	4
		Motivação afetiva	"Desde quando eu comecei a trabalhar como professora, como pedagoga, eu acho que, que é o amor, né, que faz com que você consegue métodos diferentes pra você trabalhar. O amor é a maior arma..."	3
		Necessidade de envolvimento afetivo	"Mas entra aquela parte humana sabe e...o que você consegue assim trabalhar com Down com um pouquinho mais de possibilidade, né? Possibilidade que eu digo é quando você consegue a simpatia dele."	1
Interesse na área		"...tem tudo a ver com o que eu trabalho, com uma identificação pessoal, né, foi quando surgia a oportunidade de vir pra cá, eu disse: "sem dúvida nenhuma!"..."	8	
Ações/Objetivos com o Aluno	Disciplinar	"...[dificuldade] com várias coisas que a gente procura dar noção aqui dentro [cumprir ordens, com horário, com organização]..."	1	
	Desenvolver habilidades	"[com referência à síndrome de Down] ...todo dia tem que tá insistindo para ele desenvolver sua habilidade."	9	
	Favorecer a independência	"...a gente tem que trabalhar muito esse lado da independência..."	6	
	Formação do indivíduo	"...é uma atividade que eu acho importante pra que eles tenham uma noção do que é, né, a vida."	1	
	Intervir no comportamento	"...o objetivo básico das oficinas (...) são atos e atitudes para o trabalho, né, então em cima disso a gente observa pontualidade, assiduidade..."	4	
	Socialização do portador de síndrome de Down	"...a gente procura fazer um trabalho de socialização no caso...com esse Down..."	1	
				TOTAL

106

Tabela 4 - Análise temática: Conhecimentos Médicos (N=ocorrências)

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	EXEMPLOS	N
Causas	Genética Inespecífica	"...eu sei que é um fator genético né... eu não sei especificamente."	11
	No de Cromossomos	"Ah, porque ele tem os cromossomos a mais, né... ele tem o dobro do número de cromossomos..."	8
	Não gênico	"...não é um problema de genes com em outras síndromes acontece".	1
	Idade Avançada da Mãe	"...em muitos livros que eu li alguma coisa me disseram que era sobre a idade... da pessoa com idade avançada... idade da mãe..."	3
	Causa dos Pais	"...talvez já venha dentro do pai, talvez já dentro do gene..."	2
	Causa Materna	"...isso daí já é de mãe pra filho."	1
	Consangüidade	"...congênito né (...) relacionamento entre parentes (...) o sangue não combina..."	1
	Não fazer exames preventivos	"...o casal ter relação sem fazer um exame de sangue de prevenção ..."	1
	Desconhece	"Olha, eu não sei te explicar... eu não sei."	6
	Universalidade	"...todos nós, no decorrer de nossas vidas produtivas, né, somos passíveis de ter um filho Down, um neto Down no meu caso..."	4
	Espiritual	"...São espíritos devedores, muito devedores, que devem vir muitas vezes com coisas, com situações com defeitos, pra que aquilo eles tenham que carregar pro resto da vida deles e alguém colaborou com toda essa situação também tenha que arcar com essa responsabilidade..."	2
	Casualidade	"Tem que aparecer de algum lugar (...) De repente aparece (...) pode aparecer aparece..."	1
	Não é conhecida	"...ah, porque existe né? Não existem outras deficiências que não são explicáveis?..."	1
Prevenção	Não há prevenção	"...mas é uma coisa que não tem jeito, né? É genético, né?"	10
	Através de pré-natal	"Eu acho que fazendo um pré-natal adequado, né..."	3
	Teste do pezinho	"...alguns exames podem constatar, tem o teste do pezinho, que... que é pra SD, não é isso?"	3
	Através de diagnóstico pré-natal	"Pelos exames da medicina, de líquido amniótico, de tudo esses exames que tem agora, né?"	2
	Exames genéticos	"...Tem, lógico que tem (...) através dos exames, né? (...) só através de estudos..."	2
	Evitar a idade avançada	"...a mãe procurar ter o primeiro filho antes dos 30 anos, seria dessa forma."	2
	Abortamento	"Agora, se tem alguma coisa a fazer... se aborto, não sei se é o tipo... de método, não sei."	1
	Exames de sangue	"... exame de sangue de prevenção (...) isso daí eu acho eu previne, previne muito."	1
	Exames dos pais	"...fazer um exame sanguíneo, né, tipo de sangue para saber se realmente elas podem ter filhos..."	1
	Tratamento pré-concepcional	"...uma avaliação se for colhido óvulos, fazer um trabalho..."	1
Perspectivas	Prevenção e Avanço da Medicina	"Ah...do jeito que tá a medicina, eu creio que vai te jeito, né, eu acho..."	3
	Prevenção e Avanço da Genética	"Agora que descobriram (...) o DNA né (...) eu creio que consigam sim..."	2
	Prevenção e Manipulação Genética	"...acho que não mas... tá tudo mudando tanto né, a genética tá crescendo tanto (...) acredito que vá poder acontecer isso algum dia, poder mexer ali nos genes e modificar alguma coisa..."	2
	Erradicação das deficiências	"...eu acho que poderia prever, né, antecipar pra que não nascesse mais crianças assim, né?"	2
Terminologia inadequada	Senso comum	"... olhos redondos, né? Que é o mongolóide, né? que eles falam, da origem mongol..."	3
	Crítica a termos do senso comum	"...uma amiga minha tem o filho portador de SD. Ela contou que quando ela teve nenê, a médica foi falar que ela tinha um filho mongol... Um absurdo, né?..."	1
		TOTAL	81

ra” os laços com as adolescentes segundo tais temas. As categorias emergentes explicitaram a função que a “Capricho” desempenha na vida das meninas. A literatura acerca da adolescência contemporânea enfatiza a importância que representações “oferecidas” pela mídia exercem nesta fase de constituição de identidade e subjetividade dos indivíduos. Representações sociais relacionadas à descartabilidade de valores e relações interpessoais são discutidas. Método: Interpretação das categorias identificadas nos textos da revista 10 números, de 1990-2000 e das narrativas de 20 adolescentes do sexo feminino entrevistadas em duas escolas particulares de Porto Alegre.

Palavras-chave: representação social; adolescência; identidade; contemporaneidade; cultura.

ties with the teenagers dealing with such subjects. The categories that were found made explicit the function of “Capricho” Magazine as a reference for modelling identity. - The literature on contemporary adolescence emphasizes the influence the representations “presented” by the media exercise on the youths when it comes up to the formation of their subjectivity and identity as individuals. The social representations that incorporate the discardability of values and interpersonal relationships are discussed. Method: Content analysis of the categories identified in texts extracted from 10 editions of the magazine, from 1990 to 2000, and in the narratives of twenty female teenagers interviewed at two private schools of Porto Alegre.

Keywords: social representation; adolescence; identity; contemporaneity; culture.

A adolescência desencadeia processos psíquicos que, na contemporaneidade, são necessários para que os jovens nesta fase possam elaborar sua nova condição como sujeitos sexuados, “quase-adultos”, ou não mais crianças. A metáfora utilizada por Dolto & Dolto-Tolitch (1993) e analisada por Gingo (1998) expressa a perda de referências físicas e o estado de fragilidade que implica o processo adolescente. Segundo os autores, os adolescentes vivem o “Complexo da Lagosta” em seu processo de crescimento. As lagostas, quando estão crescendo, precisam trocar de carcaça, perdendo a antiga e fabricando uma nova. Ocorre então uma fase de desproteção, onde há o risco do “outro” predatório. O